



“Se você é fã de romances de época,
precisa ler Sabrina Jeffries!” – *Lisa Kleypas*

SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES

1

PROJETO
DUQUESA



PROJETO
DUQUESA



O ARQUEIRO

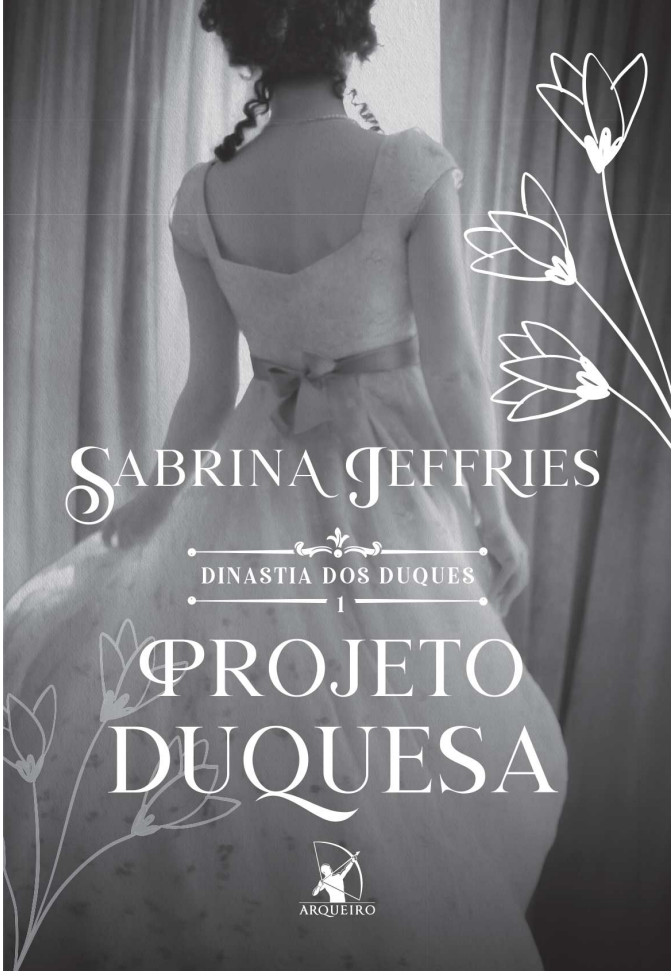
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES

PROJETO
DUQUESA



ARQUEIRO

Título original: *Project Duchess*

Copyright © 2019 por Sabrina Jeffries

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Bookcase Literary Agency e Kensington Publishing.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Os direitos morais da autora estão assegurados.

tradução: Natalie Gerhardt

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: Miriam Lerner | Equatorium Design

imagem de capa: © Ilina Simeonova / Trevillion Images

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J49p

Jeffries, Sabrina, 1958-

Projeto duquesa [recurso eletrônico] / Sabrina Jeffries; [tradução de Natalie Gerhardt]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.

recurso digital (Dinastia dos duques; 1)

Tradução de: Project duchess

Continua com: O duque solteiro

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-131-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Gerhardt, Natalie. II. Título. III. Série.

21-69619

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

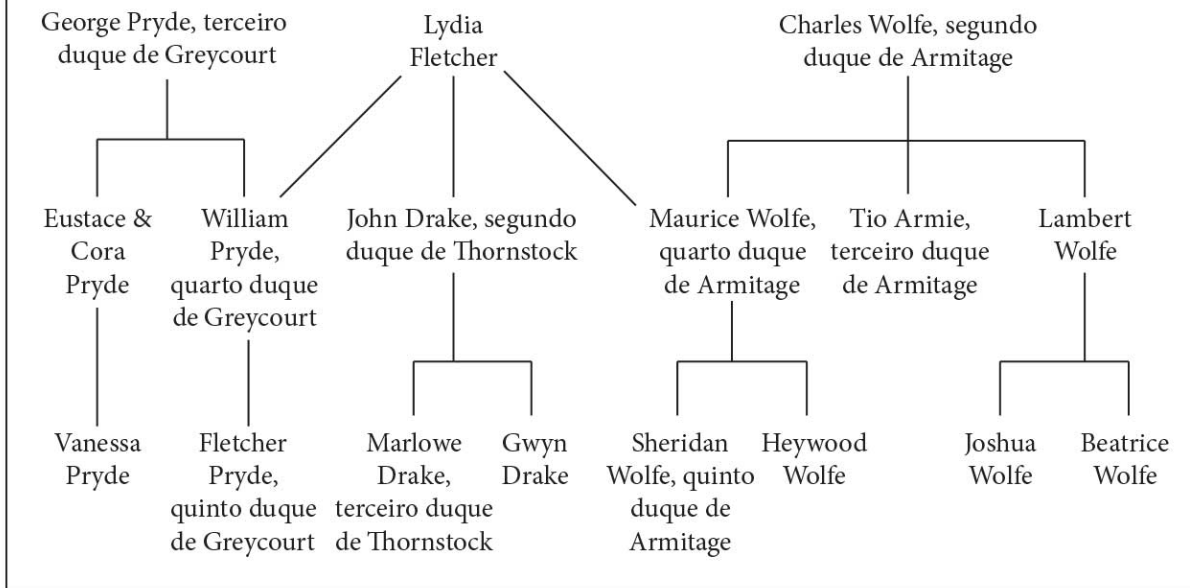
Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Joyce Ratley,
por seus muitos e muitos anos dedicados ao ensino e por cuidar
dos nossos autistas, sejam eles crianças ou adultos. Vamos
sentir falta da sua sabedoria e do seu estilo maravilhoso. Sei que
você vai continuar fazendo coisas ainda mais incríveis.*

*E para minha agente,
Pam Ahearn, da Ahearn Agency,
que me apoia há 31 anos, nos tempos bons e ruins.
Espero que nossa parceria continue por muitos e muitos anos.*

Maridos e filhos de Lydia



Diário da Sociedade Londrina

DUQUESA VIÚVA PERDE O TERCEIRO MARIDO

Como prometido, queridos leitores, nos apressamos para oferecer a vocês as últimas novidades e, para dizer a verdade, a que trazemos hoje é deveras surpreendente. Lydia Fletcher agora tem a duvidosa reputação de ter se casado e enviuvado de três duques: o quarto duque de Greycourt, o segundo duque de Ornstock e o recém-falecido quarto duque de Armitage.

Lydia também conseguiu produzir um herdeiro para cada um de seus duques e, em um dos casos, até mais de um, por segurança – obtendo resultados diversificados, somos obrigados a acrescentar. O filho Fletcher Pryde, quinto duque de Greycourt, embora tenha multiplicado por dez a fortuna que herdou, supostamente gerencia uma rede secreta de solteiros libertinos. Considerando o comportamento reservado do cavalheiro, é difícil imaginar pessoa menos inclinada a esse tipo de conduta despropositada. Mas, como dizem: as aparências enganam.

É mais fácil acreditar nesses boatos tratando-se do segundo filho, Marlowe Drake, terceiro duque de Ornstock, que, segundo dizem, adora dançar com uma meretriz. Sua irmã gêmea, lady Gwyn, recém-chegada a Londres, promete dificultar esse costume obrigando-o a lidar com os pretendentes dela. A primeira temporada da jovem deve ser bastante interessante, e quem vos escreve observará tudo com bastante atenção.

Por fim, chegamos a Sheridan Wolfe, quinto duque de Armitage, que passou a maior parte da vida na Prússia, onde o pai era embaixador. Não se sabe muito sobre ele, um desconhecido para muitos na sociedade, embora o duque provavelmente não vá enfrentar nenhuma dificuldade para conseguir uma herdeira disposta a trocar seu dote pelo raro título de duquesa. Quando isso acontecer, é bom que a esposa produza logo um ou dois herdeiros, já que o irmão mais novo do duque, lorde coronel Heywood Wolfe, está na fila para conseguir o título.

Na verdade, todos os filhos da duquesa viúva Lydia devem providenciar herdeiros o quanto antes, considerando – e me arrepio só de falar isso – quão propensos são esses duques a morrer antes da hora.

O funeral acontecerá no Armitage Hall, em Lincolnshire.

CAPÍTULO UM

Londres, setembro de 1808

Em uma agradável tarde de outono, Fletcher Pryde, o quinto duque de Greycourt, subiu a escada de casa no elegante bairro londrino de Mayfair. Mergulhado como estava em pensamentos a respeito dos negócios, não notou que seu mordomo queria lhe falar algo antes que entrasse em casa.

– Vossa Graça, sinto que é meu dever informá-lo de que...

– Agora não, Johnson. Tenho um jantar às oito e espero conseguir encontrar o velho Brierly no clube antes disso. Ele está se desfazendo de uma propriedade perto da minha em Devon e preciso comprá-la se quiser continuar enriquecendo. E também preciso examinar alguns relatórios antes de conversar com ele.

– Mais, Grey? – perguntou uma voz feminina e jovem. – Às vezes acho que você é tão ávido por comprar terras quanto nós, mulheres, somos por comprar vestidos. Considerando sua reputação de ter perspicácia nos negócios, aposto que você também paga menos do que valem.

Grey se virou em direção ao som.

– Vanessa! – exclamou, e então fulminou Johnson com o olhar. – Por que não me avisou que ela estava aqui?

O mordomo ergueu ligeiramente os olhos, o mais próximo que já tinha chegado de revirá-los para o patrão.

– Eu tentei, senhor.

– Ah, sim. Suponho que sim.

Grey abriu um sorriso indulgente para Vanessa Pryde. Aos 24, Vanessa

era dez anos mais nova do que ele, e o duque a considerava mais como irmã caçula do que prima de primeiro grau.

Ele tirou o chapéu, as luvas de montaria e o sobretudo e os entregou para o criado. Não reconheceu o jovem que observava Vanessa boquiaberto como um pobre coitado olharia para uma princesa. O fascínio do criado era compreensível, considerando o rosto em formato de coração, as proporções perfeitas e os cachos negros e densos, mas o comportamento era muito inapropriado.

Grey fez uma careta para o rapaz.

O criado corou e se retirou rapidamente, ao que Johnson sussurrou:

– Sinto muito, Vossa Graça. Ele é novo, vou me certificar de falar com ele.

– Pois faça isso.

O duque voltou a atenção para Vanessa, que parecia nem ter notado o que acabara de acontecer.

– Não estava esperando ver você por aqui.

– Pois deveria, primo – disse ela com uma reverência elaborada e um sorriso travesso. – Ou eu deveria dizer “futuro noivo”?

– Nem brinque com uma coisa dessas – resmungou ele.

Toda vez que tentava se imaginar casado com Vanessa, Grey se lembrava dela como uma bebezinha ainda de fraldas no colo do pai dela, tio Eustace Pryde, e sabia que não seria capaz. Ele a vira crescer, não conseguia imaginá-la como sua esposa.

Felizmente, a prima também não tinha o menor desejo de desposá-lo. E, por esse motivo, sempre que a tia ambiciosa enviava Vanessa até a casa dele, com instruções de provocar alguma situação comprometedoras que os obrigasse a casar, eles passavam a maior parte do tempo planejando uma desculpa plausível para explicar por que Vanessa tinha “se desenhado” dele.

Ela deu uma risadinha.

– Não se preocupe. Minha aia veio comigo. Como é de se esperar, ela vai assinar embaixo de qualquer coisa que eu conte para minha mãe. Vamos, há chá e bolinhos na sala de estar.

Vanessa sabia muito bem como assumir as ordens na casa dele. Enquanto cruzavam o vestíbulo, Grey elogiou:

– Você está bonita.

Empinando-se um pouco, Vanessa fez uma dancinha e se virou para olhar para ele, obrigando-o a parar enquanto suas saias se acomodavam ao redor das pernas.

– Gostou do meu vestido novo? Pode deixar que não vou contar para minha mãe. Mas ela escolheu justamente esse para atraí-lo. Eu falei que amarelo é sua cor favorita.

– Eu odeio amarelo.

Os olhos azuis de Vanessa brilharam.

– Exatamente.

Ele não conseguiu segurar o riso.

– Você, minha querida, é uma moça levada. Se dedicasse um décimo da energia que gasta provocando sua mãe para caçar um marido, haveria uns vinte homens implorando para se casar com você.

Vanessa pareceu desanimada.

– Eu já tenho pretendentes, mas você sabe como é a minha mãe. Até você estar fora de cogitação, ela não vai permitir que eu seja cortejada por ninguém mais – disse Vanessa, e apontou um dedo para ele: – Será que você pode se casar logo? Com *qualquer mulher* que não seja eu? Caso contrário, vou morrer solteirona.

– Isso nunca vai acontecer com você e nós dois sabemos disso – respondeu Grey, e então estreitou os olhos. – Espere um pouco... Você está interessada em algum pretendente em particular...

Vanessa corou e Grey ficou alerta; a prima tinha péssimo gosto para homens.

– Quem é ele? – exigiu saber.

Ela levantou o queixo.

– Não vou contar.

– Não vai porque sabe que não vou aprovar, o que significa que ele é totalmente inadequado para você.

– Não é, *não*. Ele é poeta.

Maldição. Vanessa precisava se casar com um poeta tanto quanto um duque precisava aprender a cozinhar. Mas talvez...

– Um poeta *famoso*? – perguntou Grey, esperançoso.

Se o rapaz tivesse dinheiro, talvez funcionasse. Qualquer sujeito que se casasse com Vanessa precisaria ter barris de dinheiro só para pagar os vestidos.

Ela se virou e seguiu para a sala de visitas.

– Ele será. Com meu apoio.

Grey quase sentiu pena do tal poeta, fosse lá quem fosse.

– Que Deus tenha piedade de nós... Imagino que sua mãe desaprove.

– Como se eu tivesse contado para ela... – rebateu a prima assim que chegaram à sala de visitas.

A aia de Vanessa estava sentada ereta no banco, com uma expressão neutra. Sem dúvida estava acostumada ao forte contraste entre sua personalidade e a de sua patroa temperamental.

– Então as coisas não progrediram para um interesse sério – concluiu Grey, aliviado por não ter de lidar com isso também.

Ele ainda tinha esperança de conseguir encontrar Brierly no clube antes que o homem fosse embora.

– E *como* as coisas poderiam progredir? – perguntou Vanessa, comendo um bolinho com seu prazer usual. – Minha mãe está com a cabeça tão fixa na ideia de me casar com você que não consigo convencê-la a me levar aos eventos em que meu... amigo possa estar.

Vanessa fulminou o primo com o olhar antes de prosseguir:

– E graças à última fofoca a seu respeito, ela está em polvorosa de novo. Na verdade, está acreditando neste último boato de que você administra uma rede secreta de solteiros libertinos.

Ele bufou.

– Eu jamais teria tempo para cuidar de algo tão tedioso e previsível. Também não sou inclinado a esse tipo de coisa e, além do mais, é uma atividade que exige muito esforço para se manter. Espero que você tenha dito a ela que prefiro dedicar minha energia às minhas propriedades.

– Claro que eu disse, mas ela não acreditou. Ela nunca acredita.

– Ainda assim ela mandou você aqui para ficar noiva do gerente dessa rede secreta de devassidão. Não faz o menor sentido.

– A fofoca só a deixou mais ansiosa para que eu me case com você.

– Talvez ela esteja com medo que eu gaste toda minha fortuna com a vida “libertina” antes que você consiga colocar as mãos em mim e no meu ducado.

– Ou então ela acha que um homem com desejos tão incontroláveis pode ser facilmente manipulado. Ela deveria saber que não é bem assim. Não existe nada de incontrolável em você – disse Vanessa, batendo com o dedo no queixo. – Mas há outra possibilidade. Que minha mãe tenha, ela mesma, inventado o boato.

– Com qual objetivo?

– Torná-lo tão indesejável a ponto de eliminar a concorrência.

– Detesto ter que dizer isso, querida, mas boatos de libertinagem sobre um homem raramente eliminam a concorrência. Se esse é o plano da sua mãe, é bastante ingênuo e só prova minha opinião sobre fofocas: não são nada além de entretenimento para gente entediada. Se as pessoas colocassem um décimo da energia que gastam em...

– Eu sei, eu sei... Somos todos uns fúteis e completamente inúteis – declarou ela sagazmente. – Você é o único que tem um pouco de bom senso.

Quando a aia parecia prestes a explodir por segurar o riso, ele fulminou a prima com o olhar.

– Você realmente me acha arrogante assim? Cheio de pompa?

– Acho até pior – disse Vanessa, suavizando a acusação com um sorriso.

– E com esse comentário, devo me retirar.

A aia pigarreou.

– Ah! Eu já ia me esquecendo! Trouxe isso para você.

Vanessa pegou um envelope lacrado da bolsinha.

– Foi enviado para nossa casa em vez de para cá. O que é curioso. Talvez sua mãe tenha ouvido dizer que você estava viajando. Embora eu não entenda por que ela achou que *nós* conseguiríamos encontrá-lo.

Ele ignorou o aperto repentino no peito.

– Você sabe muito bem o motivo.

Com um suspiro, Vanessa deu um passo na direção dele para falar em um tom que apenas Grey pudesse ouvir:

– Você precisa continuar punindo sua mãe?

– Não fale besteira – respondeu ele com leveza para esconder a culpa que sentia. – Não estou punindo minha mãe. Além disso, ela tem outros filhos para lhe fazer companhia, não precisa da minha bajulação.

Vanessa fungou.

– Como se um dia você fosse bajular alguém. E, sim, você a está punindo, admita ou não.

O brilho de pena no olhar de Vanessa fez com que ele se arrependesse de ter dito qualquer coisa sobre a mãe.

Estendeu a mão para pegar a carta, mas a prima não a soltou.

– Ela ama você, sabia?

– Eu sei.

Que outra resposta poderia dar? A seu modo, ele também a amava.

Grey começou a enfiar a carta no bolso, mas parou. O envelope parecia fino demais para uma carta da mãe. Apreensivo, decidiu abri-lo e logo deparou com uma breve mensagem:

Meu querido Grey,

Lamento informar que seu padrasto faleceu. O funeral acontecerá no Armitage Hall, na terça-feira.

Com amor,

Mãe

P.S.: Venha, por favor. Não vou conseguir fazer isso sem você.

Grey ficou olhando para as palavras. Maurice, o único pai que realmente conhecera, estava morto.

“Venha, por favor. Não vou conseguir fazer isso sem você.”

Maldição. Minha mãe deve estar arrasada.

Aparentemente, o sofrimento transpareceu, pois Vanessa pegou a carta e,

logo em seguida, ergueu o olhar, horrorizada.

– Ah, Grey. Que coisa *horrível*. Meus sentimentos.

– Obrigado.

Grey sentiu-se uma fraude. Mal tinha visto Maurice desde que a família retornara da Prússia meses antes. Permitira que a própria amargura o mantivesse longe e agora era tarde demais.

Vanessa relia a carta com a testa franzida.

– Maurice... É o pai de Sheridan, não é? Acho que agora ele vai se tornar duque.

O tom estranho na voz dela chamou sua atenção.

– *Sheridan*? Desde quando você é íntima do meu meio-irmão? Vocês só se encontraram uma vez.

– Duas, na verdade – corrigiu ela com um sussurro. – Nós dançamos duas vezes.

Hum. Era melhor Sheridan tomar cuidado com Vanessa. Quando ela cismava com um homem, não costumava desistir.

– Não me diga que ele é o poeta no qual está de olho.

O tom incisivo fez com que ela o encarasse.

– Não seja ridículo. Sheridan não tem um pinga de poesia na cabeça.

Vanessa estava certa, mas como ela sabia disso?

– Melhor chamá-lo de Armitage, agora que será o duque.

– Mais um motivo para eu não me interessar por ele. Eu *nunca* vou me casar com um duque, não importa o que minha mãe diga. Vocês todos são muito... muito...

– Arrogantes e cheios de pompa?

Como se percebesse que não deveria insultar um homem com quem tinha uma relação tão próxima, ela fez uma careta.

– Algo do tipo... Certamente há muitos duques na *sua* família.

– Isso é o que acontece quando sua mãe faz três bons casamentos.

– Ela vai deixar uma dinastia e tanto. Alguns diriam que ela traçou um plano excepcional.

– Ela não planejou enviuvar três vezes. Posso garantir – retrucou ele, com rispidez.

Vanessa pareceu arrependida.

– É claro que não. Sinto muito, Grey, não pensei antes de falar.

Ele levou a mão até a base do nariz.

– Tudo bem, eu só... Só estou abalado com essa notícia.

– Claro. Se houver algo que eu possa fazer...

Grey nem respondeu, já concentrado no fato de que Sheridan tinha se tornado o duque de Armitage. Maurice só fora duque por alguns meses e agora Sheridan seria obrigado a assumir o posto. A mente dele devia estar a mil. Grey precisava ir para Armitage Hall, mesmo que fosse apenas para ajudar Sheridan e a mãe com os preparativos para o funeral na terça-feira.

Espere um pouco, hoje é domingo... Mas qual domingo? Droga, será que já tinha perdido o funeral do padrasto?

– Quando essa carta chegou? – perguntou ele.

Foi a dama de companhia que respondeu:

– Creio que foi na sexta-feira, Vossa Graça.

– Isso – confirmou Vanessa. – Foi na sexta.

Armitage Hall ficava perto da cidade de Sanforth. Se Grey encontrasse o criado antes que ele desfizesse seu baú de viagem, poderia vestir o traje de luto e voltar à estrada em uma hora. Chegaria facilmente a Lincolnshire no dia seguinte.

– Preciso ir – disse ele, virando-se para a porta.

– Eu vou com você – decidiu Vanessa.

– Não seja tola – disse Grey, irritado, antes que a aia pudesse intervir. – Você vai voltar para casa como sempre e dizer para sua mãe que não me encontrou. Existe, aliás, uma desculpa perfeita para não ter me encontrado. Diga que eu já tinha sido avisado da morte do meu padrasto e já havia partido para Lincolnshire. Entendeu?

– Mas... mas como você já teria sido avisado se fui eu que entreguei a carta?

– Diga que os criados informaram que eu já tinha recebido uma carta aqui.

O bom senso de Grey finalmente retornava.

– Na verdade, eu devo ter recebido, já que ainda não olhei a

correspondência. Minha mãe não deixa nada ao acaso. Ela deve ter mandado várias cartas.

De fato não deixava. Mesmo que estivesse sofrendo.

Vanessa colocou a mão no braço dele.

– Grey, você precisa de alguém ao seu lado. Está claramente triste.

– Eu vou ficar bem – respondeu ele, porque é claro que ficaria bem. – É melhor você ir agora, Vanessa. Preciso tomar algumas providências antes de partir.

Ela fez um gesto com a cabeça para a aia, que se juntou a ela.

– Está bem. Contaremos para a minha mãe sobre sua perda. Talvez seja o suficiente para conter os planos dela por um tempo.

– Duvido muito – disse ele, chegando perto do ouvido dela. – Cuidado com esse poeta, querida. Você merece coisa melhor.

Ela fez uma careta.

– Agora que você está de luto, eu não tenho a menor chance com ele. Minha mãe vai me obrigar a adiar encontros com *qualquer um* até você estar disponível novamente.

– Que bom. Eu não gostaria de ver você se casando com alguém de classe inferior enquanto não estou por perto para evitar.

Erguendo o queixo, Vanessa foi andando em direção à porta.

– Existe valor em um casamento por amor, sabe? Juro que às vezes acho suas opiniões sobre o assunto bem parecidas com as da minha mãe.

Com essa despedida arrebatada, ela saiu, com a dama de companhia logo atrás.

Que ridículo. Ele não era nem um pouco parecido com a tia, aquela megera ambiciosa. Era apenas sensato. O amor não cabia em seus planos simplesmente por não ter qualquer valor monetário. *Quando* ele se casasse, seria com uma mulher sensata que se satisfizesse com um ducado à disposição, sem nenhum sonho de castelo nas nuvens e sem esperança de que ele nutrisse por ela sentimentos de amor nem qualquer uma dessas bobagens românticas.

Da maneira mais difícil, o duque aprendera a proteger seu coração.

CAPÍTULO DOIS

Lincolnshire, Inglaterra

A nobre senhorita Beatrice Wolfe estava do lado de fora de Armitage Hall analisando a entrada com olhos críticos. O brasão funeral estava pendurado na porta – sem estar torto dessa vez –, a colunata e as janelas estavam cobertas com faixas pretas de luto. Parecia adequado, digno de um duque.

Não tivera tanta consideração com seu tio Armie, como ela e seu irmão Joshua sempre chamaram o antigo duque de Armitage. Só de pensar nos últimos anos de tio Armie – com seu hábito de sempre tentar passar a mão nela ou dar um tapa em seu traseiro quando Beatrice vinha visitá-lo –, o sangue gelava nas veias.

Em compensação, tio Maurice, que herdara o ducado depois da morte de tio Armie, a tratara com respeito e bondade. Ele e tia Lydia trouxeram luz, sorrisos e os bons tempos de volta ao lugar.

Mas a morte pairava sobre a mansão mais uma vez. Beatrice sentiu os olhos marejados. Mal tinham acabado de remover todos os símbolos que indicavam a morte de tio Armie! Dois duques mortos em questão de meses. Aquilo era uma verdadeira desgraça. Desgraça mesmo.

Sheridan apareceu na porta, pálido como um fantasma depois daqueles últimos dias. O primo fora muito próximo do pai e era quem mais estava sofrendo com a morte dele, sendo superado apenas por tia Lydia. Sem dúvida, Heywood, irmão de Sheridan, também sofreria, mas como estava no Exército e provavelmente ainda sequer havia recebido a notícia do falecimento do pai, não havia como ter certeza.

Sheridan abriu um sorriso sem vida.

– Queira me desculpar, Bea, mas minha mãe pediu para eu verificar novamente se Grey já chegou – disse ele, olhando para a entrada de carruagens atrás dela. – Acho que ainda não. Se tivesse chegado haveria uma carruagem monstruosamente grandiosa aqui fora.

Beatrice riu. Gostava do primo. Aos 28 anos, era apenas dois anos mais velho do que ela e a fazia se sentir à vontade perto dele. Ninguém da família era muito cerimonioso, mas Sheridan, em particular, não era nem um pouco, embora isso, sem dúvida, fosse ter de mudar.

– Você mesmo terá uma carruagem monstruosamente grandiosa agora que é o duque de Armitage.

– É muito provável que não – disse ele, aparentando enorme tristeza. – Temo que o ducado esteja em péssimo estado. Não temos dinheiro para carruagens grandiosas. Com sorte eu talvez consiga resolver isso, mas vai levar tempo. Eu não esperava herdá-lo tão rápido.

– Eu sei, sinto muito por isso. Como está tia Lydia?

Sheridan suspirou e então, observando o bosque além dos jardins luxuosos, ficou tenso.

– Nada bem. Tudo foi muito repentino. Hum... seu irmão... ele está pensando em vir ao funeral?

Beatrice engoliu em seco. Joshua era uma pessoa difícil, para dizer o mínimo.

– Tenho certeza que sim.

Era mentira. Ela não tinha como ter certeza de nada em relação a ele, mas as palavras pareceram tranquilizar o primo.

– Que bom. Nós não o vemos tanto quanto gostaríamos.

– *Eu* não o veria se não morássemos na mesma casa. Joshua não gosta muito de gente.

Bem, isso era um eufemismo. Não que ela o culpasse, considerando as circunstâncias, mas Beatrice faria das tripas coração para convencê-lo de que ir ao funeral era o mínimo que devia aos novos moradores de Armitage Hall.

Principalmente a Sheridan, o novo senhorio, que poderia muito bem tirar deles, quando bem entendesse, a antiga casa de contradote, destinada às

viúvas dos duques. Principalmente porque agora a mãe de Sheridan era uma duquesa viúva e talvez preferisse morar na casa que era dela por direito.

Beatrice não queria pensar nisso.

– Existe algo mais que eu possa fazer para ajudar tia Lydia?

– Conjurando meu meio-irmão em um passe de mágica? – perguntou ele, passando a mão pelos cachos castanho-claros. – Desculpe.

– Tenho certeza que ele logo estará aqui.

Sheridan deu uma risada amarga.

– Eu não tenho tanta certeza assim. Nem sei ao certo se ele recebeu as cartas que nossa mãe mandou. Às vezes, acho que meu irmão se esqueceu de que *tem* uma família, sempre muito ocupado em ser o tão importante duque de Greycourt.

Ela não sabia o que dizer. Embora ainda não tivesse conhecido o “tão importante duque de Greycourt”, lera notícias escandalosas o suficiente para saber que não gostaria nem um pouco dele. Por exemplo, diziam que ele tivera vários encontros ilícitos com mulheres, cada uma mais linda do que a outra, e isso já era suficiente para deixá-la de sobreaviso, pois parecia muito com o finado tio Armie.

– É verdade o que estão dizendo nos jornais? – perguntou ela. – Que seu irmão administra uma rede secreta de solteiros libertinos?

– Para ser sincero, não faço a mínima ideia. Grey não conta nada do que faz. Até onde eu sei, ele poderia muito bem estar administrando pensões de caridade enquanto dorme.

– Duvido muito – resmungou Beatrice, mas, percebendo que tinha acabado de insultar o irmão de Sheridan, apressou-se em acrescentar: – Mas essa história sobre a rede de libertinos parece mesmo inventada. Por que manter o negócio em segredo, por exemplo? Um duque pode fazer o que lhe der na telha com a certeza da impunidade. Por que não ter uma rede de devassidão *regular*? Além disso, o que querem dizer com uma rede? Parece algo como um clube... Seria um clube? Imagino...

Ela logo percebeu que, como sempre, estava tagarelando. Sheridan certamente parecia achar graça.

Era melhor parar.

– De qualquer forma, duques são bons com essa história de clubes. Creio que provavelmente seja apenas um clube.

Um clube que mantém a rala bem longe. Porque os duques também são muito bons nisso.

Principalmente Greycourt, pelo que Beatrice ouvira. Ele era incrivelmente rico, podia comprar o clube que quisesse. Essa fortuna supostamente foi toda adquirida graças a seu temperamento implacável nas negociações. O duque poderia muito bem destruir quem quisesse. Talvez fosse por isso que a sociedade sempre lhe dava ouvidos. Ou, talvez, porque ele só falasse quando tinha algo importante a dizer.

Apesar da preocupação com a tia, Beatrice preferia que ele não viesse. Homens assim a deixavam exasperada. Não que ela tivesse conhecido muitos, mas os poucos que conhecera por intermédio de tio Armie não deixaram uma boa impressão.

Sheridan soltou um suspiro profundo.

– Seja como for, acho que contagei você com a irritação que sinto em relação a ele, não é? Juro que não foi minha intenção. Você já nos ajudou tanto...

Sheridan fez um gesto vago para as janelas e então acrescentou:

– Tudo isso. Lidar com a organização e os detalhes do funeral. Manter os livros contábeis da casa. O que teria sido de nós sem você?

O elogio aqueceu o coração de Beatrice. Talvez Sheridan não estivesse com pressa de expulsar os dois, Joshua e ela, da propriedade.

– Obrigada. Eu gosto de ser útil.

Principalmente para a tia. Lydia era diferente de todas as mulheres que Beatrice conhecera – cheia de disposição e vigor, com um coração bom e uma mente afiada. Exatamente como Sheridan.

Ele fez um gesto para a porta.

– Melhor eu entrar agora. Minha mãe quer que eu escolha a roupa com que ele será enterrado – disse, engolindo em seco. – Disse que não suportará essa tarefa.

Pobre homem.

– Eu entendo. Você é um bom filho.

– Tento ser.

Sheridan olhou para o portão novamente, endurecendo o olhar, e então acrescentou:

– Falando em filhos, avise-me no instante em que Grey chegar, por favor.

– Claro.

Ele deu alguns passos para entrar e parou.

– Ah, mais uma coisa. Minha mãe me pediu para dizer que vai continuar ajudando a preparar seu debute, está bem? Talvez só um pouco mais devagar.

Beatrice tinha se esquecido completamente daquilo.

– Ah! Diga para ela não se preocupar com esse tipo de coisa agora, pelo amor de Deus. Eu vou ficar bem.

– Na verdade, minha mãe lida melhor com as coisas quando está envolvida em um projeto. Ela ficou chocada quando soube que você nunca foi apresentada adequadamente à sociedade, está decidida a resolver essa questão.

– É muito gentil da parte dela.

Embora também fosse intimidador. Beatrice se sentia muito mais à vontade caminhando pelos bosques com os cães de caça do que em salões de festa. Odiava saber que os homens a avaliariam pelos vestidos fora de moda, seios pequenos e um rosto muito longe de ser perfeito para decidir que ela não valia a atenção.

– Minha mãe só está fazendo o que é certo – disse Sheridan, observando a expressão no rosto da prima com preocupação. – Sabemos muito bem como tio Armie foi negligente nas obrigações que tinha com você.

– Obrigada.

Ela ficou aliviada ao perceber que eles achavam que o tio tinha sido apenas “negligente”. Sinal de que não faziam ideia de como realmente fora a vida de Beatrice quando ele estava vivo.

Prendeu a respiração, torcendo para que Sheridan não falasse mais nada sobre tio Armie. Quando ele entrou em casa, ela relaxou. Manter todos sob controle nas próximas semanas seria mais complicado do que imaginara, então torcia para que a morte de tio Maurice os mantivesse ocupados

demais para bisbilhotar a vida dela. E a de Joshua. Principalmente a de Joshua, que nem ela tivera coragem de examinar de verdade.

Tentando esquecer o assunto, Beatrice analisou uma vez mais a parte externa da casa e entrou. Havia pedido que um criado cobrisse todos os espelhos, algo que já deveria ter sido feito, mas Armitage Hall dispunha de poucos empregados e as coisas demoravam a ser feitas em uma casa tão grande.

Em seguida, voltou a atenção para as caixas de biscoitos que haviam sido entregues pelo confeitoiro naquela manhã. Precisavam ser arrumados na mesa do vestíbulo para que os convidados se servissem tão logo saíssem para o cortejo fúnebre. A própria Beatrice abriu as caixas e começou a arrumar os biscoitos, cada qual embrulhado em um papel branco com símbolos relacionados à morte e lacrados com cera preta.

A imagem de tantas caveirinhas, caixões, ampulhetas e ossos cruzados sobre a mesa a fez estremecer... e se lembrar. Mergulhada nas memórias de quando tinha dez anos, desolada no funeral do pai, Beatrice não percebeu o som de passos até que estivessem bem próximos dela.

– O que são essas coisas horrendas? – perguntou um homem com a voz marcante e máscula.

Ao se virar, Beatrice deparou com um estranho parado ali, ainda de sobretudo e casaco, o olhar afiado fixado na mesa atrás dela. Devia ser o duque de Greycourt, uma vez que os trajes de luto eram muito elegantes. Também notou a semelhança entre ele e Sheridan no nariz aquilino, na cor dos olhos – verde como uma esmeralda – e nas sobrancelhas altas.

Isso sem mencionar a altura. Embora Beatrice fosse considerada alta, Greycourt tinha vários centímetros a mais que ela. A altura e a expressão séria eram imponentes e, sem dúvida, intimidadoras para a maioria das mulheres.

Mas não para ela, acostumada a lidar com a arrogância dos lordes.

O duque a encarou com frieza.

– Então? – insistiu ele. – O que é isso?

– São biscoitos para o funeral – respondeu ela, irritada com o jeito dele.

– É costume da região servi-los com um cálice de vinho do Porto.

– É mesmo? – perguntou ele, tirando o chapéu caro. – Ou seria apenas artimanha de algum comerciante local para arrancar dinheiro de pessoas como a minha mãe? Eu nunca ouvi falar de um costume como este.

– Ah, se *o senhor* nunca ouviu falar do costume, então ele não deve existir – retrucou ela, incapaz de controlar o temperamento. – Qualquer coisa que não aconteça em Londres é insignificante para pessoas da sua laia, não é mesmo?

O comentário pareceu surpreendê-lo, exatamente como deveria, considerando que ela jamais deveria ter dito uma coisa daquelas para um homem de luto. Ah, por que, por que Beatrice tinha que falar tudo que lhe passava pela cabeça? Em geral ela tentava controlar esse impulso, mas era difícil quando o duque estava sendo um patife.

Não use a palavra “patife”, nem em pensamento. Graças ao irmão, esse era outro problema dela: a tendência a usar um linguajar chulo. Pelo menos não dissera a palavra em voz alta.

Para sua surpresa, um brilho de diversão transpareceu no olhar do duque. Os olhos que a fitavam não estavam mais verdes, mas sim de um tom de azul-celeste, como se a natureza tivesse misturado o azul dos olhos da mãe com o verde do meio-irmão para produzir uma cor etérea.

A percepção a deixou insegura. E também o sorriso irresistível de Greycourt, que suavizava os traços marcantes de seu rosto.

– Imagino que você não seja a filha do comerciante local, como desconfiei no princípio.

Dessa vez ela *realmente* resistiu à vontade de agredi-lo. Tenha santa paciência, filha de um comerciante? Que homem nojento!

– Não, não sou – respondeu ela com toda a frieza.

Ele abriu ainda mais o sorriso, embora os olhos continuassem sérios.

– E você não vai me dizer quem é?

– O senhor claramente prefere tirar as próprias conclusões.

Ah, meu Deus, lá ia ela de novo com sua língua enorme.

Greycourt riu.

– Então teremos um jogo de adivinhação, é?

Grey avaliou as vestes dela objetivamente, sem fazer com que Beatrice

sentisse que ele estava olhando seus atributos.

– Bem, você claramente não é uma criada, pois criadas não se vestem tão bem.

– Quanta gentileza, senhor – retrucou ela com sarcasmo.

O tom dela o fez rir.

– Vamos lá, me diga quem é. Juro que não faço ideia, e estou começando a achar que eu gostaria de saber a resposta.

Ah, não.

Beatrice foi salva naquele momento pela aproximação de ninguém menos que Sheridan.

– Grey! – exclamou ele. – Você *veio!* Nossa mãe vai ficar muito aliviada.

Greycourt bateu no ombro do irmão com afeto óbvio.

– Como ela está?

Sheridan suspirou.

– Vai ficar melhor agora que você chegou.

Aquilo na expressão de Greycourt era culpa? A visão melhorou um pouco a impressão que Beatrice tivera em relação a ele. Mas só um pouco.

– Eu teria vindo antes – disse ele. – Mas estava viajando e só recebi a carta ontem.

Sheridan se virou para incluir Beatrice na conversa.

– Viu só, Bea? Eu disse que ele devia ter demorado para receber a notícia.

– Disse mesmo.

Não fora bem isso que Sheridan lhe dissera, mas Beatrice não achou prudente corrigi-lo, mesmo que não tivesse gostado muito de Greycourt.

– Imagino que já tenham se conhecido – comentou Sheridan.

– Não formalmente – respondeu Greycourt, com um olhar irônico que a desconcertou.

– Bem, então vamos às apresentações – disse Sheridan. – Bea, você já deve ter deduzido que este é meu irmão, Grey.

– Meio-irmão – corrigiu Greycourt.

Sheridan fez uma expressão de desagrado.

– Você sempre precisa deixar isso claro?

– Bem, se eu não deixasse, a moça ficaria confusa. Como você é o herdeiro do ducado de Armitage, ela seria obrigada a se perguntar se eu simplesmente sou muito mais jovem do que aparento ou se sou ilegítimo. Como não sou nem uma coisa nem outra, achei melhor esclarecer.

– Não se preocupe, senhor – disse Beatrice com falsa doçura. – Nem todos aqui fazemos suposições sem saber de todos os fatos.

– É mesmo? – perguntou Greycourt com a voz arrastada. – Isso é bem raro.

– Se você tivesse me dado tempo de fazer as apresentações, *irmão* – disse Sheridan, azedo –, eu teria esclarecido sua posição para minha prima.

Para grande satisfação de Beatrice, aquilo fez Greycourt empalidecer.

– Prima? Ela é filha de Armie?

– Não, do irmão mais novo dele, Lambert. Ele faleceu há anos.

– Entendo. – Greycourt olhou para Beatrice. – Peço perdão pela minha rudeza anterior, Srta. Wolfe. Eu não fazia ideia de que Sheridan e Heywood tinham uma prima.

– Temos dois, na verdade. Bea tem um irmão, Joshua – explicou Sheridan, e então piscou. – Espere um pouco. Você ofendeu Beatrice?

Ela forçou um sorriso.

– Não foi nada. Sua Graça apenas fez objeções aos biscoitos para o funeral. Só isso.

Os olhos de Greycourt brilharam, aparentemente notando que ela não aceitara o pedido de desculpas.

– Ah – respondeu Sheridan. – São assustadores, não é? Mas o vendedor garantiu que são indispensáveis em qualquer funeral em Sanforth.

– É mesmo? – perguntou Greycourt, lançando um olhar significativo para Beatrice e mais uma vez atijando seu temperamento.

– Confie em mim – retrucou ela em tom gélido. – Se não servíssemos biscoitos de funeral e vinho do Porto antes do cortejo, haveria muitas fofocas na região.

– Sim, todos os criados disseram isso – confirmou Sheridan. – A cozinheira ficou mortificada com a mera possibilidade de não oferecermos os biscoitos. Mesmo assim, continuo achando horrendos. Sinto muito, Bea.

– Mas eles *são* horrendos – concordou ela, dividida entre a vontade de agradar o primo e mostrar a língua para Greycourt, o que seria infantil, mas muito satisfatório. – Sobraram tantos depois do funeral do meu pai que nós e os criados passamos meses comendo. Até hoje não suporto o gosto.

Um brilho de pena apareceu nos olhos de Greycourt, fazendo-a se arrepender por ter falado demais. No fundo, *bem no fundo*, ele devia ter um mínimo de decência, mas ela não gostou de ser alvo da compaixão dele.

– Falando nisso – comentou Sheridan, olhando em volta do vestibulo –, onde está o lacaio? O pobre Grey ainda está segurando o chapéu.

Beatrice ficou imediatamente irritada consigo mesma por não ter chamado ninguém. Não era de se espantar que Greycourt achasse que ela era uma caipira.

– Deus, é mesmo. Pode deixar que eu guardo o chapéu e o casaco.

Sheridan segurou o braço dela antes que ela os pegasse.

– Não há necessidade, eu mesmo faço isso – disse ele e então olhou de esguelha para o irmão. – Bea tem trabalhado sem parar para nos ajudar a preparar o funeral. Temo que nosso quadro de criados seja insuficiente, e ela sabe mais sobre essas coisas do que ninguém.

– É muita bondade sua, Srta. Wolfe – disse Greycourt, parecendo sincero.

Talvez ela tivesse sido muito apressada em seu julgamento. Quando não estava fazendo suposições, o duque não era *tão* mau.

Um lacaio chegou correndo e se apressou para pegar o casaco e o chapéu de Greycourt.

– Sinto muito, Vossa Graça, estávamos nos fundos da casa e não ouvimos a carruagem – disse, e, baixando a cabeça para Sheridan, acrescentou: – Não vai acontecer novamente.

– Não se preocupe com isso – falou Sheridan com cordialidade. – Sei que todos estão bastante ocupados.

Quando o lacaio se afastou, Greycourt falou baixo com o irmão:

– Cuidado, Sheridan. Você está no comando aqui. Não vai querer que os criados fiquem folgados. É importante estabelecer limites desde o início.

E isso foi o suficiente para que Beatrice se lembrasse do motivo de não

ter gostado dele. Sim, ele até era *um pouco* atraente, com seus dentes brancos e retos, aqueles traços marcantes, o cabelo negro e os olhos lindos, mas também era um grande metido a besta que se achava dono do mundo. Ela jamais iria gostar dele.

Jamais.